UM JUDEU MARGINAL: a legislação, o pensamento e os costumes da época de Jesus acerca da condição humana do *mamzer*

Rafael Vilaça E. Costa[1]

Introdução

Ao analisarmos a sociedade judaica do século I, em que o Jesus histórico que cresceu e se desenvolveu, percebemos que seus ensinamentos estão sempre voltados para categorias que eram excluídas do convívio social pela Lei e costumes vigentes, em especial, a categoria do *mamzer*. A escolha dessa categoria para realizarmos nossos estudos se justifica pelo fato de que estes eram excluídos de todos os seus direitos civis e religiosos, devido às condições de seu nascimento.

Quando analisamos o pensamento e os costumes judaicos acerca da condição humana a partir das narrativas bíblicas dos ensinamentos e da vida de Jesus, podemos entender melhor o porquê das ações tomadas pelo Jesus histórico, sua preferência em relação aos excluídos do seu tempo, e, também, alguns artifícios literários utilizados na construção da narrativa dos Evangelhos, em especial, sobre o nascimento de Jesus e sua missão profética entre o povo.

Os bastardos e a sociedade judaica da época de Jesus

O *mamzer*, para a comunidade e para os judeus ortodoxos, era uma pessoa impedida pela Lei de contrair matrimônio com quaisquer judeus observantes da Lei, e também com aqueles indivíduos que eram considerados de origem pura, no caso, os levitas e descendentes dos sacerdotes.

> Tecnicamente, o termo refere-se ao fruto de um relacionamento sexual proibido entre pessoas que, segundo a Torah, não deveriam se casar (p. ex., tio e sobrinha); mas, comumente, é traduzido por "bastardo". Esse vocábulo também é usado como insulto pessoal.[2]

Tal proibição estava baseada no livro do Deuteronômio, 23:2-3, segundo a qual estendia a penalidade e suas consequências até muitas gerações dos

[1] Doutorando e Mestre em Ciências da Religião e Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Graduando em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Contato: rafaelvilaca.e.costa@gmail.com.
[2] STERN, David H. **Bíblia judaica completa.** São Paulo: Vida, 2011, p. 1570-1571.

descendentes do *mamzer*: “O homem com testículos esmagados ou com o membro viril cortado não poderá entrar na assembleia de Iahweh. Nenhum bastardo entrará na assembleia de Iahweh; e seus descendentes também não poderão entrar na assembleia de Iahweh até a décima geração”.[3] Traduzindo tal passagem, essa disposição legal afastava os *mamzer* da chamada ‘Assembleia de Deus’ – a comunidade dos israelitas que seguiam a Lei.

Com o passar tempo, e a institucionalização da religião, tal norma religiosa foi convertida em um dos piores ‘pecados’ da crença judaica, afetando todos os aspectos da vida civil de um cidadão judeu. Como exemplo, podemos citar o fato do *mamzer*, além de estar incapacitado juridicamente pela Lei para ocupar cargos civis ou religiosos, ele também era obrigado a se manter distante daqueles judeus que seguiam as normas da religião. Como consequência, o que lhe restava dentro da sociedade judaica era a ocupação em funções consideradas ‘desprezíveis’, vivendo sob o peso dessa ‘marca’, sendo humilhado por sua posição social, tal como os *Shudras* na sociedade indiana, que ocupam a última posição no sistema de castas local. É possível sim, fazer uma comparação com o sistema de castas, onde, tal como na Índia, existia uma divisão social baseada em princípios religiosos.

> No judaísmo da Palestina do primeiro século o sistema de classes era colocado em vigor à risca. Era legalmente proibido misturar-se com pecadores à margem da lei: sentar-se à mesa com mendigos, cobradores de impostos (traidores da causa nacional, porque coletavam impostos do seu próprio povo para Roma, a fim de ganharem uma comissão) e prostitutas era tabu religioso, social e cultural.[4]

Analisando as Escrituras e suas interpretações pelo corpo rabínico da época, é possível constatar o peso e a realidade desse preconceito dentro da sociedade judaica da época de Jesus. Primeiro, é preciso ter em mente que o problema fundamental da questão, ou seja, o que era entendido por bastardo pela Lei judaica, era tema de muitas discussões entre os sacerdotes da época. De acordo com tais interpretações, indivíduos classificados como *mamzer* poderiam se enquadrar em três situações.

A definição da primeira e a principal corrente de pensamento considerava que os *mamzer* eram todos aqueles que eram frutos de uma ‘união proibida pela Torá’. Ou seja, filhos de uma relação incestuosa ou adúltera. Segundo a Lei, eram

---

[3] **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2013. p. 286.
[4] MANNING, Brennan. **O evangelho maltrapilho.** São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 32.

considerados como bastardos os filhos de uma *halusah*, ou seja, uma mulher viúva de um homem falecido o qual não deixou descendência, cujo irmão negou o ‘matrimônio levirático’ com a cunhada.

Também eram classificados assim os filhos de uma mulher que se acreditava estar viúva, contraia um novo casamento, porém mais tarde era comprovado que seu primeiro marido continuava vivo. Da mesma forma eram os filhos de uma mulher divorciada, cujo chamado ‘documento de repúdio’ era assinado por um escravo, em lugar de uma testemunha legalmente qualificada, desse modo, invalidando todos os efeitos legais. E por fim, a principal característica do *mamzer*, que era aquele indivíduo considerado um filho nascido em um casamento legítimo, mas que a esposa – jamais o marido – era suspeita de adultério. Já para outros rabinos, o significado jurídico de *mamzer* era estabelecido, única e exclusivamente, pelas penas de morte estabelecidas pelo livro do Levítico 20:10-21:

> O homem que cometer adultério com a mulher do seu próximo deverá morrer, tanto ele como a sua cúmplice. O homem que se deitar com a mulher de seu pai descobriu a nudez de seu pai. Ambos deverão morrer, o seu sangue cairá sobre eles. O homem que se deitar com sua nora será morto juntamente com ela. Estão contaminados, e o seu sangue cairá sobre eles. O homem que se deitar com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles. O homem que tomar por esposa uma mulher e a mãe dela, comete incesto. Serão queimados, ele e elas, para que não haja incesto no meio de vós. O homem que se deitar com um animal deverá morrer, e matareis o animal. A mulher que se aproximar de um animal qualquer, para se unir a ele, será morta, assim como o animal. Deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles. O homem que tomar por esposa sua irmã, a filha de seu pai ou a filha de sua mãe, e vir a nudez dela e ela vir a dele, comete uma ignomínia. Serão exterminados na presença dos membros do seu povo, pois descobriu a nudez de sua irmã, e levará o peso da sua falta. O homem que se deitar com uma mulher durante as regras dela e descobrir a sua nudez, põe a descoberto a fonte do seu sangue, e ela mesma descobriu a fonte do seu sangue; serão ambos eliminados do meu do seu povo. Não descobrirás a nudez da irmã da tua mãe e nem a nudez da irmã de teu pai. Assim, pôs a descoberto a sua própria carne, e levarão o peso da sua falta. O homem que se deitar com a mulher de seu tio paterno descobriu a nudez deste, e levarão o peso da sua falta e morrerão sem filhos. O homem que toma por esposa a mulher de seu irmão comete uma torpeza, pois descobriu a nudez de seu irmão, e morrerão sem filhos.[5]

Dentre os pecados castigados com a pena de morte, destacavam-se, por exemplo, o adultério, o incesto, as relações com a irmã da mulher divorciada, as relações com a cunhada, e até mesmo o ato sexual realizado durante o período menstrual, considerado como impuro pela Lei judaica. Os filhos gerados de tais relações eram aqueles considerados e enquadrados na categoria de *mamzer*.

---

[5] **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2013. p. 189.

Por fim, a última corrente de interpretação da Lei – a mais branda –, considerava *mamzer* apenas os filhos nascidos de uma relação reprovada pela Torá, a qual estabelecia a pena de morte por lapidação, estrangulamento, abrasamento, ou decapitação, como meios de punição. Como exemplos jurídicos, temos as situações na qual, se um homem tivesse relações sexuais com uma jovem virgem, prometida em matrimônio, com ou sem o seu consentimento, o homem seria condenado à pena de lapidação. Se em tal ato tivesse a concorrido no crime dois homens, o primeiro seria condenado à lapidação, o segundo ao estrangulamento. Da mesma maneira, eram igualmente réus de lapidação aqueles que mantivessem relações incestuosas, com a mulher de seu pai, com a nora, de acordo com as normas já citadas. Se houvesse descendência, tais filhos seriam considerados *mamzerim*.

Uma genealogia bem definida era considerada essencial no estabelecimento e no reconhecimento da cidadania judaica da sociedade da época de Jesus, ao ponto de Mateus, na abertura de seu evangelho, tecer a genealogia de Jesus partindo de Abraão até José, como um artifício literário para mostrar que Jesus teria descendência direta do rei Davi, sendo dessa forma, o Messias prometido. Ser filho de um relacionamento adúltero ou possuir uma ‘mãe solteira’ era talvez a pior vergonha existente na Palestina do século I. Por isso, até hoje judeus ortodoxos continuam o costume de adotarem nomes com a expressão hebraica *ben* (“filho de”) após o seu primeiro nome, cujo sobrenome é o nome do seu pai.

A relação de Jesus com os excluídos do seu tempo

As informações sobre essa dura realidade – da qual nada falam os evangelistas – são necessárias para se compreender algumas das atitudes e discursos de Jesus apresentados ao longo dos evangelhos. Quando lemos que Jesus frequentava os mesmos locais que os ‘pecadores’ de sua época, a maioria dos cristãos associa tal companhia àqueles que cometiam os ‘pecados’ hoje definidos pelo Cristianismo.

Na maioria das vezes essa multidão de ‘pecadores’ era constituída de *mamzerim* (bastados), *ebed* (escravos), *am-ha’aretz* (o povo inculto que seguia a Torá), prostitutas, e, claro, samaritanos (grupo étnico-religioso judeu que não seguia todas as prescrições da Torá). Muitas vezes também se encontravam entre essa

multidão os gentios (não judeus, estrangeiros), publicanos (cobradores de impostos), e até apoiadores do regime romano.

Ao contrário do que Jesus pregava, para os judeus ortodoxos, todos eles eram pecadores da pior espécie. Daí o ódio da casta sacerdotal a essas pessoas e o incômodo do fato de que era essa multidão que sempre estava atrás de Jesus.

É interessante frisar que tal termo multidão – do grego, *ochlon* – é utilizado nos textos evangélicos em todos os episódios em que Jesus está junto com essas categorias de pessoas acima citadas. É justamente entre elas que se realizam os acontecimentos mais importantes da vida de Jesus, de grandes milagres aos sermões mais impactantes. A utilização do termo 'multidão' em detrimento de *am-ha'aretz* – que de fato era o que se tratavam, pessoas que não seguiam as rígidas normas da Torá –, marca não apenas essa busca dos escritores evangélicos em evidenciar a preferência de Jesus pelos 'pobres' e 'pecadores', se fazendo presente em seu meio, como também representa um artifício literário, uma tentativa inseri-los na proposta inclusiva do 'Reino de Deus', libertando-os da escravidão que sofriam pela lei.

> A escravidão não está tanto no enunciado dos preceitos ou das tradições da lei escrita na Bíblia quanto na concepção global da religião como submissão a uma lei ditada por Deus da parte de fora. A escravidão consiste no sistema que propõe a obediência à lei como valor supremo. Assim era o sistema judaico.[6]

Em outras palavras, se Maria tivesse concebido seu filho antes de casar-se com José – tal como descrevem os evangelhos de Mateus e Lucas –, Jesus teria entrado na categoria social dos *mamzerim*.

Isso pode ser atestado pelo texto de Mateus, em 1,18-19, que narra a história de seu nascimento: "A origem de jesus Cristo foi assim: Mari, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo".[7] Considerando que o Evangelho de Mateus é direcionado aos judeus para mostrar Jesus como o Libertador, o Messias, a narrativa de seu nascimento até sua missão pode ser entendida como uma construção que direciona o leitor judeu a identificar que as Boas Novas são destinadas aos excluídos do seu tempo e não aos poderosos e àqueles já inseridos na sociedade judaica, a exemplo do Evangelho de João, 1,11-12, segundo o qual

[6] COMBLIN, José. **Cristãos rumo ao século XXI.** São Paulo: Paulus, 1996. p. 72.
[7] **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2013. p. 1704.

Jesus “veio para o que eram seus” e a todos que receberam sua mensagem “foram feitos filhos de Deus”, isto é, foram incluídos na ‘Assembleia de Deus’, que para Jesus não apenas o povo judeu, mas que, a partir de uma perspectiva inclusiva, abarcava a todas as pessoas.

Por outro, há uma grande diferença entre como Jesus via a si mesmo e como ele via aos seus seguidores, uma vez que ele não se constituía na categoria de ‘pobre’, embora Jesus atribua essa categoria aos seus seguidores.

> Se quisermos saber como Jesus via a si mesmo, ou como seus primeiros seguidores o viam, é surpreendente que nem ele próprio, no material de falas dos Evangelhos, nem os evangelistas em suas narrativas o designem diretamente como pobre. Mais precisamente, os pobres constituem um grupo ao qual Jesus se dirige e do qual se diferencial: “Bem-aventurados *vós os pobres*... Sempre terei os pobres convosco, a mim nem sempre tereis”.[8]

Da mesma forma, no Evangelho Apócrifo de Tomé, nº 54, temos a mesma referência aos pobres, encontradas no Sermão das Bem-Aventuranças, em Mateus, 5,3: “Jesus disse: Bem-aventurados são os pobres, pois deles será o Reino dos Céus”.[9]

Considerações finais

A resposta de Jesus à dura Lei judaica de sua época se evidencia nas suas atitudes. O chamado de Jesus e sua mensagem estão voltados para a premissa de que ‘Eu não vim para chamar os justos e sim os pecadores’ –, e, considerando que essa frase está presente nos Evangelhos de Mateus 9,13; Marcos 2, 13-17; e Lucas 5,32 –, a harmonia evangélica aponta para um Jesus que se volta de modo especial aos excluídos de sua época. Desse modo, muitos textos podem ser reinterpretados à luz dessa mensagem de inclusividade, tanto por meio dos ensinamentos como das ações de Jesus, os quais refletem a tentativa de soerguimento daqueles que estão à margem da sociedade da época.

Como exemplo disso, temos o episódio em que Jesus pede água à mulher samaritana – apresentado em João, 4:4-26 –, no qual a mulher se impressiona pelo fato de um judeu estar falando com ela. Como uma releitura desse episódio à luz dos excluídos, temos um exemplo de acolhimento dos estrangeiros,

---

[8] MEIER, John P. **Um judeu marginal:** repensando o Jesus histórico. Volume III, Livro II. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 341.
[9] MILLER, Ron. **O evangelho de Tomé.** Rio de Janeiro: Nova Era, 2004. p. 98.

sempre malvistos e excluídos do convívio com os judeus, que ‘não falavam com os samaritanos’. Ou ainda um Jesus que acolhe o centurião, um pagão e símbolo da ocupação militar que os judeus sofriam pelo Império Romano. A cura do seu servo – citada em Mateus 8:5-13 e em Lucas 7:1-10 – acentua ainda mais esse caráter de preferência pelos excluídos, pois, devido ao apreço que o militar tinha por este, Jesus se compadece da situação de ambos.

Podemos citar também o episódio da mulher que sangrava – relatado nos evangelhos sinóticos em Marcos 5:25-29, Mateus 9:20-22 e Lucas 8:43-48. Tal narrativa também aponta para um problema grave da época, que era a exclusão das mulheres, consideradas impuras por conta do sangue da menstruação, e indignas de participar da vida social determinada pela Lei judaica. A cura realizada por meio do ‘toque’, bem como o fato de Jesus pegar a sua mão, a levantando, aponta para uma atitude de resgate da dignidade da mulher, tirando-a de uma condição de subalternidade em relação ao homem – condenada previamente como pecadora por excelência – para inseri-la de volta à vivência da sociedade de sua época.

Outros episódios semelhantes podem ser citados, a exemplo do milagre narrado quando Jesus alimenta os cinco mil seguidores – narrativa presente nos quatro evangelhos, em Mateus 14:13-21, Marcos 6:31-44, Lucas 9:10-17 e João 6:5-15. Neste episódio quando Jesus se vê de uma grande multidão que o seguia, ele se compadeceu e curou os doentes – multidão constituída das categorias de excluídos, citados neste artigo –, em seguida instando os discípulos a dar-lhes de comer pessoalmente. Quando questionado pela pouca comida, Jesus multiplica os pães e peixes, repartindo-os entre todos eles, de modo que todos os presentes se fartam, e a comida ainda sobra.

Essa ‘compaixão’ é o centro das atitudes de Jesus frente às ‘multidões’ e das categorias excluídas que aparecem ao longo dos quatro evangelhos canônicos. Esse ‘compromisso social’ evidenciado pelas ordens de Jesus de que os discípulos, por eles mesmos, ‘dessem de comer’ àquela multidão, demonstra que a ‘religião de Jesus’, e em tantas outras expressões de alteridade, é uma fé que deve ser vivida pela ação. E esta ação denota a necessidade de tomar as rédeas da situação em detrimento daqueles que nada fazem para mudar a situação do povo.

Diante desse quadro de ações tomadas por Jesus, percebemos que essa superação de barreiras legalistas, culturais, étnicas e geográficas é um dos pontos centrais da proposta do Reino de Deus, anunciado pela mensagem evangélica, de

modo a resgatar aqueles que estavam subjugados pela condição humana da Palestina do século I, elevando-os ao patamar de protagonistas e construtores desse Reino.

Referências

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2013.

COMBLIN, José. **Cristãos rumo ao século XXI.** São Paulo: Paulus, 1996.

MANNING, Brennan. **O evangelho maltrapilho.** São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

MEIER, John P. **Um judeu marginal:** repensando o Jesus histórico. Volume III, Livro II. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

MILLER, Ron. **O evangelho de Tomé.** Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

STERN, David H. **Bíblia judaica completa.** São Paulo: Vida, 2011.